

LUKÁCS, György. *O Romance Histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011. 440 p.

Lucas André Berno Kölln¹

A relação entre a Literatura e a História, por mais prolífica e fecunda que possa ser, é motivo de encarniçada e longa disputa entre os representantes desses dois "campos". Há desde os que negam a possibilidade de se apreender quaisquer porções objetivas e passíveis de historicização na literatura até os que não acreditam que entre uma e outra não haja distinção o suficiente para saber quando produzimos uma ou lemos outra. Não destarte tamanho histórico de disputas, a historiografia tem, em grande medida, encontrado na literatura não somente uma fonte muito rica, mas também um objeto tão intrigante e expressivo quanto.

Um dos teóricos e pesquisadores que mais contribuiu para elucidar as potencialidades, as limitações e as peculiaridades da Literatura em relação à História - e, conseqüentemente, à própria ação histórica - foi o filósofo húngaro György Lukács (1885-1971). Além de uma quantidade gigantesca de ensaios e trabalhos a respeito do tema do ponto de vista teórico (*Teoria do Romance* [2009], *Marxismo e Teoria Literária* [2010]) e trabalhos em que estuda de forma específica a obra de um autor (como nos *Ensaio sobre Literatura* [1968]), Lukács traçou um panorama bastante ambicioso e profundo acerca desse problema na obra *O Romance Histórico*, publicada em 1947 e lançada em 2011 pela editora Boitempo, com tradução de Rubens Enderle.

Não se trata, como Lukács esclarece no início da obra, de uma pesquisa que ambicione abordar na totalidade um gênero ou uma tradição propriamente dita, mas sim que busca pôr em relevo a historicidade das obras e sua íntima relação com a História, como fica expresso no seguinte trecho: "O que busquei realizar foi uma investigação da interação entre o espírito histórico e a grande literatura, que retrata a totalidade da história, e isso apenas em relação à literatura burguesa." (LUKÁCS, 2011, p. 28)

Se trata, pois, como o próprio autor relata mais à frente, de um trabalho cujo "espírito (...) é histórico." (LUKÁCS, 2011, p. 31) O que interessa a Lukács em *O Romance Histórico* não é nem uma abordagem puramente historiográfica, nem da História da literatura, mas precisamente a relação entre essas duas contrapartes, i.e.,

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Bolsista CAPES.

entre a ficção e a história através de diversas realidades e "casos" por ele analisados, os quais denotam um conjunto de características específicas em relação à sua forma e a seu tempo.

Nesse sentido a obra de Lukács procura abarcar a interação da história e da literatura no âmbito mais específico do romance histórico, cuja tradição remonta aos romances de Walter Scott (1771-1832). Essa interação não é um reflexo mecânico e exato da realidade, nem pura abstração, mas a própria dialética que encarna tanto o cerne da obra como a consciência histórica dos sujeitos, em caso específico os autores e a dialética existencial de seu tempo, em âmbito individual e sócio-histórico.

Tais objetivos são assumidos quando o autor escreve que:

(...) este trabalho pretende mostrar como a gênese e o desenvolvimento, a ascensão e o declínio do romance histórico são conseqüências necessárias das grandes convulsões sociais dos tempos modernos, e provar que seus diferentes problemas formais são reflexo dessas convulsões histórico-sociais. (LUKÁCS, 2011, p. 31).

É objeto de sua pesquisa, portanto, a maneira como se relaciona o senso de historicidade de uma época (que começa, como indica o pioneirismo de Scott, no século XVIII) e a maneira como a obra está estruturada, desde suas manifestações formais quanto temáticas, sua abordagem acerca dos personagens, as questões com as quais dialoga e a imagem que constrói acerca da sociedade e seus conflitos em relação ao passado, presente e, por consequência, futuro.

Por conta desse recorte - centrado no que Lukács chama de romance histórico - é que a investigação se desenha. De modo a abordar mudanças e cotejar rupturas e continuidades na constituição da literatura e nas reveses históricas, o autor adota uma divisão de capítulos que contemple diferentes momentos e diferentes sociedades, desde o século XVIII - onde a Revolução Francesa e o Iluminismo desempenham papel central - até a ascensão dos fascismos, na primeira metade do século XX, passando ainda pela constituição e solidificação da sociedade e da civilização burguesa, principalmente no pós-1848.

A característica que aparece como própria estruturante da literatura desses séculos investigados por Lukács é, entre outras, os conflitos que marcaram o declínio da feudalidade e a conflituosa ascensão e consolidação da civilização burguesa. Seja na Alemanha, na França, na Inglaterra ou nos demais países europeus cujas histórias foram abordadas em *O Romance Histórico*, as "convulsões sócio-históricas" se desenrolaram

em torno desse processo histórico, nos embates travados em torno da sociedade burguesa, seus valores, sua consolidação material, sua visão de mundo e, com especial significação nesse caso, o senso de historicidade que a permeou.

Segundo Lukács, quem pioneiramente retratou o senso de historicidade de uma época de forma totalizante foi Walter Scott. A maneira como ele tratou de seus temas, a abordagem histórica a partir da qual ele construiu suas histórias, seus personagens, as questões nas quais toca e, principalmente, a noção e consciência do tempo e da história fazem dele o inaugurador do romance histórico.

Esse pioneirismo se deu por conta de sua abordagem histórica de sua sociedade e de seu tempo. O senso de historicidade que ele retratou em suas obras, aliados à sua expressão social, foram a consciência histórica que permeou os eventos da Revolução Francesa, cujo peso e cuja tradição reverberaram longamente ao longo dos séculos vindouros. Lukács localizar em Scott não só um romance que retrata o seu tempo, mas que, ao fazê-lo, é embalado - e inspirado - por um senso que concebe a "história como condição do presente." (LUKÁCS, 2011, p. 36)

Não é, portanto, a capacidade imaginativa de Scott *per se* que o fez ser um dos grandes nomes do romance histórico, mas sim sua capacidade de, no diálogo com a realidade histórica que o cercava - e nesse sentido o estruturava enquanto consciência -, retratar na totalidade a experiência sócio-histórica de seu tempo. Essa capacidade que se transmuta em seus romances é o que torna sua obra uma extensiva e complexa abordagem a um tempo literária, artística e histórica de seu tempo. Scott não retrata pequenas porções de seu tempo, mas faz surgir a totalidade por meio dessas porções na medida em que faz transparecer o "espírito histórico" de sua sociedade e de seu tempo.

Conceber a história como condição do presente de modo a tomar consciência a respeito dos "pilares de sustentação" da sociedade e da dinâmica social e poder a partir deles agir é uma das transformações que foram fomentadas pelo processo histórico da Revolução Francesa e pela herança iluminista que, em alguma medida, a ensejou. A consciência histórica que fervilhou com a Revolução Francesa é peculiar e instaurou novas formas de conceber a ação dos homens - todos eles e não somente os assim chamados "heróis" - no tempo. É precisamente esse tipo de concepção sobre as potencialidades e limitações da ação dos homens na realidade que anima os romances de Walter Scott e, posteriormente, os demais autores com os quais Lukács dialoga, desde Honoré de Balzac até Thomas Mann, de Frederic Schiller até Romain Rolland.

A história, além de perder sua aura de colecionismo de antiguidades e de pano de fundo, passa a ser questão central da vida dos homens, que os estrutura ontologicamente. E mais do que isso: ela deixa de ser monopólio dos "grandes nomes" da história tradicional. Ela passa a ser constituinte e escopo da ação dos sujeitos como um todo, em especial as classes populares, que na história tradicional e "oficialesca" viviam nas sombras dos "grandes feitos".

Lukács sintetiza a riqueza do romance histórico nesse sentido, no seguinte trecho:

No romance histórico (...) trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica. E é uma lei da figuração ficcional (...) que, para evidenciar as motivações sociais e humanas da ação, os acontecimentos mais corriqueiros e superficiais, as mais miúdas relações (...) são mais apropriadas que os grandes dramas monumentais da história mundial. (LUKÁCS, 2011, p. 60).

Através das miudezas se desvela a totalidade histórica, a totalidade extensiva da vida sócio-histórica. Isso fica claro no seguinte trecho: "(...) o que importa para o romance histórico é evidenciar, por meios ficcionais, a existência, o ser-precisamente- assim das circunstâncias e das personagens históricas." (LUKÁCS, 2011, p. 62).

Por conta, entretanto, de suas distinções formais e estéticas - que alteram a leitura e ensejam outras formas de figuração da realidade - Lukács lhes dirige uma abordagem singular, cujas peculiaridades procuram contemplar as dimensões diferenciais de uma e de outra figuração literária. Isso, contudo, não altera a questão central da obra como um todo, que é a de perscrutar a relação entre o "espírito histórico" (tanto em nível material como não-material) e a grande literatura.

Uma das contribuições mais pujantes de Lukács nesse sentido é a de, ao perscrutar a literatura historiograficamente, não fazê-lo somente através de temas ou de conteúdos, mas sim através da própria forma. Tal visão acerca das dimensões formais não somente desmistifica o caráter "a-histórico" da forma como também contribui para dilatar e aprofundar as noções estéticas, seja em relação à historiografia ou não.

Lukács desenha a estética como expressão social - e por consequência histórica - tanto quanto os temas por meio dela abordados. A estética não aparece como apresentação formal pura e simples, não se trata da disposição técnica de informações, mas sim de uma complexa e intrincada dialética que possui seu fulcro no próprio solo histórico que a estrutura, conforme longamente discutido na obra *Introdução a uma*

Estética Marxista (1968). Por meio dessa visão - lastreada em estudos históricos ricos e variados - é que o romance histórico se faz não somente a partir de uma distinção formal, mas no diálogo da abordagem histórica, da experiência social e da inserção no "campo ficcional" (o da literatura), como exprime o seguinte excerto:

(...) a forma artística nunca é uma simples cópia mecânica da vida social. É certo que ela surge como espelhamento de suas tendências, porém possui, dentro desses limites, uma dinâmica própria, uma tendência própria à veracidade ou ao distanciamento da vida. (LUKÁCS, 2011: 135-136).

Sem dicotomizar ou hierarquizar elementos ficcionais e factuais - mas sim concebendo-os em seu necessário diálogo e especificidade -, Lukács conduz sua análise através da Literatura e da História, mostrando, inclusive, como o diálogo é mais do que inspiração. A relação visceral que elas mantêm diz respeito à própria agência histórica do sujeito perante sua realidade histórica: o romance histórico não se volta somente a si mesmo, mas, ao figurar a realidade de maneira extensiva e com pretensões totalizantes, põe em relevo os próprios pilares que a sustentam e também sua historicidade, mostrando-os ao alcance da ação dos homens comuns.

Por esse mesmo motivo é que, para o autor, a Literatura é mais do que objeto e fonte da História, ela possui um papel primordial na constituição dos sujeitos e na figuração da realidade tanto artística quanto epistemologicamente. Ela desempenha um papel ideológico, filosófico, político e humanista profundamente relevante na constituição dos horizontes históricos lastreados no passado, enraizados no presente e atentos ao porvir. A literatura, como sugere outro ensaio seu, deve atuar como "autoconsciência do desenvolvimento da humanidade." (LUKÁCS, 1968, p. 282-298), munindo os homens de saberes e conhecimentos que os auxilia em sua existência, consciência e agência históricas.

Referências Bibliográficas

LUKÁCS, György. **Ensaio sobre literatura**. Tradução de Leandro Konder. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Introdução a uma estética marxista**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Marxismo e Teoria da Literatura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LUCAS ANDRÉ BERNO KÖLLN

_____. **O romance histórico.** Tradução de Ruben Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011. pp. 135-136.

_____. **Teoria do Romance.** Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 2^a ed. São Paulo: Editora 34, 2009.